

A^o proposito da chamada -- poesia scientifica

I

Será talvez audacia virmos hoje, sem authoridade alguma votar um protesto contra um impavido radicalismo que invadiu parte de nossa mocidade estudiosa, e que, coadjuvado pelas auras liberrimas da nossa indole, vai-se ingerindo affoutamente em questões que aliás jazem em terreno neutro, tales as que se referem ás bellas-artes, que pretendem derribar de seus tradicionaes alicerces, construindo novo pedestal que pensamos jamais existirá.

Dizemos estar convencidos do erro radical em que laboram aquelles que, possuidos ou possessos de um soberbo metodo positivo que é a gloria scientifica do nosso seculo, arrogam-se tambem o direito de chamar á seu gremio as musas innuptas da arte e da poesia para aprenderem um novo metodo de canto, e dar-lhes um novo plectro destinado á arrancar da lyra notas mais firmes, mais accentuadas, mais graves, mais serias.; e applicar-lhe um remedio

efficaz contra os loucos transviamentos da phantasia, proprios para engodar crianças.

Essa nova escola ha de propagar-se com espantosa rapidez em todas as cabeças refractarias ~~no~~ bello, em todos os temperamentos impermeaveis á poesia; e é por esse motivo que vimos assumir um posto de combate, e allegar considerandos que moderem um pouco o furor dos que dão por definitivamente concluida a era dos trovadores. Essa incruenta polemica de gabinete nem por isso deixa de ter a gravidade que o seculo outorga á todas as especulações do espirito, sob os auspicios desse altissimo criterium, filho legitimo da liberdade, o qual sellando de uma vez o exclusivismo e a vaidade, entrou em nosso tempo tendo na frente o emblema do genio da humanidade, no coração a imagem do Christo, nas mãos o sceptro da razão e o dogma da caridade, na physionomia a benevolencia e a tolerancia e na retina dos olhos a impressão luminosa de alguma cousa que scintilla por entre as nevoas espessas do futuro.

H

Alinhavaremos um arrazoado á vol-d'oiseau, com bem receio de que nossa rhetorica succumba obsessa n'um quadrado de erudicão cerrada, em que a pobre tenha de entregar-se com armas e bagagens, e em jejum.

Mas, por fraca e impotente que seja, ella, a nossa rhetorica, está convencida do que diz e não tem medo de fosquinhas; e como pôde ella parecer nebulosa aos que tem constantemente engatilhado o — porque — sobre a bocca daquelles que discontrem sobre qualquer assumpto, á esses aqui vai a resposta, á guiza de profissão de fé. O espirito do homem, resumo, synthese de toda a natureza animada, ultima e suprema de mão da força creadora, o espirito do homem, quer queiram quer não, é essencialmente metaphysico. Essa palavra tomamola sob sua genuina accepção, perfeitamente expurgada de escholastica; essa sublime e irresistivel curiosidade que, como diz o Jupiter de Weimar, está na sciencia e fóra della, antes, agora e depois. Para os

antigos não passava ella de uma vasta rede armada pelo raciocínio para penetrar a essencia das causas e como tal ficou systematisada n'um vasto corpo de doutrinas sem unidade, diffusas; obscuras e enleadas n'uma casuística sem sabida. Hoje, porém, ella existe porque não pôde deixar de existir, porque é a consequencia dessa intuição fatal que nos persegue, genio do ignoto, sphinge phosphorescente e impalpável que arrasta-nos a inteligência ao confin das causas. E hasta de preludio.

III

D'onde vêm que ao contemplarmos as madonas de Raphael, o Moysés de M. Angelo, os relevos de Phidias no Partenon, ao escutarmos as melodias do cysne de Bolonha e dos rouxinóes de Zingarelli e Campinas, ao lemos Shakespeare, Hugo, Dias, Varalla, d'onde vem que surge á nossa imaginação um mundo magico á transbordar de emoções, estremecimentos, entusiasmo, illusões, crenças, perfumes, luces, esperanças? Que incendeia a mente dos mais parcos, que derrama no coração uns choques inefáveis fazendo esquecer as chatezas da vida?

D'onde vêm que de elementos materiaes, esparsos, contingentes, tais como as cores, o som, a pedra bruta, a linguagem articulada, consegue o homem extrahir aquillo que é a summa de tudo que o entendimento humano pôde attingir, o Bem e a Verdade manifestados pelo Bello, trindade —omidade, harmonia suprema, ideal dos ideaes, Deus?...

A Arte, realização do Bello; O Bello—esplendor da verdade, segundo Platão; a Verdade, que não pôde deixar de ser o bem.

O poeta, o artista, em toda a força da palavrya, microscópico inscidente, predestinado, sente e canta; é mariposa de uma Luz que nós não vemos, nós, burguezes sem ideal; Luz que banha a alma dos eleitos de seculo em seculo, e que para até cá chegar decompõe-se nesse prisma em milhares de variegados raios que vêm animar a tela, o marmore, a voz, o papel.

A poesia é um sacerdócio, a sciencia é uma missão. *La poesia est un sacerdoce, la science est perfectible, l'art, non.* Confundir no vasto cedinho do progresso científico de nosso seculo poetas e sabios, artistas e pensadores é uma hybridação. O Tempo, o infallivel chimico, nunca conseguiá realizar completamente tal fusão.

IV

O Bello é o Bello; é uma formula empírica nascida da Imaginação e do Sentimento, duas entidades eternas e profundamente inherentes á natureza humana. Sua theoria está envolvida mysteriosamente nos resfloshos d'alma.

A poesia baseada na sciencia é um sonho.

O genio de azas brancas que em noite estrellada sussurra aos ouvidos do poeta as harmonias infinitas do vidente; a Poesia da tradição, ora cantando na tuba as epopeias das gerações grandes e fortes, ora tirando do alaúde as notas plangentes, lagrimas eternamente crystallisadas, ora dedilhando na lyra os hymnos á tudo o que ha de grande, de nobre e de bom, essa, consolo das misérias mundanas, doce repouso ás frontes amarguradas, refugio ás decepções philosophicas, oasis aos aridos trabalhos da sciencia, fluido mysterioso que renue o espirito das idades num hymno unisono ao Creador, essa é livre, é soberana, é independente. Filha dilecta da Imaginação e do Sentimento, ahí reside sua razão de ser, sua força intrínseca. Querem separar a mãe da filha, interpondo um arsenal de telescopios, microscopios, retortas, pedra, giz, flecha e fosseis ante-deluvianos. A nós parece-nos esse proceder mais absurdo do que as loucas phantasias dos poetas que vêm estrellas ao meio dia e mosquitos por cordas. E' o que procuraremos provar.

U. D. Q.

(Continua.)

A' proposito da chamada—Poesia Scientifica

V

Telher os vãos da Inspiração e as vertigens do cerebro, apagar os lumes da phantasia e os deslumbramentos da Imaginação, condennar todas as grandes emoções e arrebatamentos do espirito ; e substituir essas scintillações, esses divinos subjectivismos do sensorio e do pensamento, por um objectivo positivamente bello que deva ser cantado em choro pela Humanidade soberana e una, é utopia. E' sonho, cuja realização só terá lugar quando os séculos se consumarem na veragem do Tempo... nunca.

Mutilar a santa Poesia no leito de Proculo do finito, do relativo, do condicional, ella, que tem sempre o olhar mergulhado no infinito, no absoluto, é profanacão. Pretender transformala em secretaria particular, em copista habilidosa e *bom enfant* de tudo o que a razão conquistar por via das sciencias de observacão e experiancia, mesmo

que sejam prodigios de talento e de trabalho ; enial-a depois sizuda, sabia e circumspecta á cantar as glórias do esforço humano, em estrofes substanciaes, positivas, saturadas de preceitos e leis martelladas entre o metro e a rima, pretender que ella escravise-se á isso, é desconhecer a sua essencia intima, é não ter verificado que suas radiculas só podem absorver a seiva vivificante, lá onde a observação e a experienzia não tem accesso, lá onde a vara magica da intuição desvenda a região das eternas auroras, onde, preso nas garras de omnipotente condor, o hallucinado escuta o concerto das espheras no hymno do amor universal.

VI

A poesia didactica, que tam por divisa instruir deleitando, é o preludio à chamada Poesia do futuro, vasta epopeia baseada na sciencia, complexa, symphonica, grandiosa, na qual a humanidade, consciente, poderosa e solidaria entoará e hosanna á si mesmo. Nobre aspiração, fanal indistinto e apenas entrevisto, e que, sobre o que traz de bom e justificavel, acarreta um punhado de proselytos intransigentes, innovadores à prova de bala, que em super-excitacão scientifico-paroxysma, intentão solapar pela raiz a actual ordem de cousas, quando para a nova recodificação existe apenas a primeira pedra; não querem ver nas creaçoes da arte e da poesia no passado senão documentos historicos ou meras curiosidades archeologicas, productos da tradicão já cançada, lantejoulas mentirosas, paradeiro ao progresso real e completa inutilidade em vista dos valentes e profícuos commettimentos da razão, do bom senso, etc., etc., etc.

Aos mestres na matemática não merece isso as honras de uma contestação ; nós, porém, o mais insignificante dos que manejão a penna, protestamos com energia, com a energia de quem repelle um desafogo descommunal ; para esse fim nos constituimos procurador bastante da phalange luminosa que emerge no pó das idades sumidas á reclamar justica, dos trovadores immortaes que em todos os tempos e em todos os paizes embalarão a humanidade á musica de seus cantos, e que hontem, hoje, amanhã, restarão soberancieras á todas as philosophias, quer deductivas quer induktivas, quer naturaes quer systematicas.

Dizer que os poetas lyricos, mas os verdadeiros, aquellos que em letra mortainda hoje fazem vibrar nossas fibras,

aquellos que só souberão amar e aspirar, cujas estrofes são outros tantos pedaços do coração, d'aquelle que, como confessou o adorável Musset:

« *Les festins humains qu'ils servent à leurs fêtes ressemblent la plupart à ceux des pélicans* » o pelicano que dá seu próprio coração a comer aos filhos; afirmar que são elles uns patetas, uns vagabundos, sem utilidade alguma....

Mas quem o *afirma* é o Sr. Gavicho....

VII

Nunca conseguirão cortar as azas à Poesia, nunca conseguirão desalojar-a do seu altar nas ultimas dobras da alma, de onde vem esse perfume sagrado, que se impregna profundamente nos versos diamantinos ou na oração inspirada; jamais poderão pôr-a em preceitos ou compêndios. O esmagador non possumus do positivismo, formula de grande projeto em sciencias positivas, é de perfeita incapacidade physical, moral e intellectual no assumpto que nos ocupa.

São acusados os poetas de se contraporem deploravelmente às verdaades fundamentaes da sciencia, e acastelarem-se numa tão estúpida quão estéril phantasia; até ahi vamos nós e todos os homens sensatos; mas isso só se entende com os pseudo-vates que à cata do original e do sublime só alcanção o trivial e o extravagante, choramingando carmas hypotheticos em tiradas lamuriantas que fazem rir a gente.

Mas por nada derribarão de seu trono glorioso os artistas por direito divino, em cujas veias gyra o sangue da grande raça d'elles; organisações privilegiadas, orgulhos da especie humana, a sua gloria é para bem dizer independente da accão do tempo e jaz serena e tranquilla em suas obras.

As revoluções artísticas e litterarias que se tem sucedido nas civilisações classicas nunca tiverão caracter radical; têm sido apenas diferentes modos de ser na realisação do bello, attinentes ao tempo, lugar e índole pequeninas. As estheticas especiaes, de que se originão outras tantas escolas, não são mais que modalidades infinitamente variadas e contingentes do mesmo principio, que é a suprema belleza harmonizada com a suprema força. Alguns, mui poucos, sentirão-no; é a esses que se applica a maxima do poeta-titan: *L'art, c'est la région*

des Egaux. A definição de Byron — a arte é a natureza atravéz o homem — é a nosso ver a mais completa, e justifica perfeitamente o que acabamos de dizer sobre a variedade de suas manifestações e a unidade de suas vistas. Os brilhantes artistas dos templos gregos e os operarios desconhecidos e humildes das catedraes gothicas tem o mesmo direito à admiração universal e não se destroem em causa alguma.

Porque? porque o Ideial os illuminava, porque querião o Bello em si, autonomo : e quem não o quiser assim, quem não cultivar a *arte pela arte*, (formula tão controvertida, tão combatida) quem tentar arredar d'ella o ideial, desviou-se, desviou-se do caminho, e não chega nunca. A poesia inspirada na sciencia quer transformal-o, desvirtual-o e deslocal-o. A poesia realista quer matal-o.

A litteratura-eselho, a litteratura-bistouri, como a chama um poeta portuguez filiado ao realismo, é quicai legítima, porque é a expressão do pensamento hodierno ; mas tal processo em poesia é uma invasão brutal, ephemera, viciosa, incompativel. Burará o tempo que durou a rosa de Malherbe.

Por ora nos contentamos em *trancher nettement* a questão, reservando-nos para em occasião mais propria adduzir razões que comprovem a nossa asserção.

VIII

A arte não se avassalla ao progresso e nem obstrui o seu caminho ; a sua soberania é inalienável ; o artista não é um instrumento ; collabora na civilisação, mas não é ahi que está sua missão ; a luz que o fascina não é a que attrahe os pensadores e os philosophos.

Não é. As obras, doutrinas e systemas d'estes, contendo um certo numero de verdades parciaes e proveitosas, vivem apenas uma manhã na historia. Cada livro de sciencia que surge annulla os precedentes, porque ahi domina a lei do progressivo. Mas o sublime é sempre igual a si mesmo e folla ao nosso espirito com perenne intensidade. Sim. A epopeia Dantesca, por exemplo, esse *absurdo*, toda inspirada pela musa orthodoxa, profundamente theologica, imbuída de dogma até o amago, subsiste intacta e indestructivel sobre todas as evoluções do progresso, de qualquer natureza que sejão. Porque razão nós, os filhos da prosa, da critica

e do raciocínio, sentimo-nos sacudidos por invencível emoção quando o tetrico Florantino nos leva à visitar a cidade das eternas dôres, esse phantasma medieval que aliás hoje só se impõe às massas ignoratas ?

Porque isso ? Porque o poeta sente o que diz ; porque pela alliance da fé e do genio, da colera e do amor, do sentimento e da imaginação, nasceu esse poema cyclico em que ausulta-se o fundo palpitar de um povo e de uma epocha, consubstanciados em uma individualidade portento. Dez batalhões de livres pensadores não escalarão o reducto de sua gloria.

Não queremos dar fim à esse nosso desconchavado escripto sem transcrever um tracho do monumental discurso proferido pelo padre Ribeiro da Costa por occasião das exequias de A. Herculano — A arte, posto que requereira aos seus cultores observação e estudo, tem como agentes principalissimos a intuição e a phantasia ; a intuição é sempre uma vibração luminosa e rápida, e a phantasia reveste os seus eleitos de decorações tão peregrinamente surprehendentes, que ver-lhes é ficar-se logo embevecidos n'allas e alheados de tudo que lhes pareça estranho. Ao invez disso a Scienza, que é uma analyse impertinentemente morosa, toda encrespada de duvidas, e por mais longe que a leveia, surde sempre, como marco movel e inconquistavel uma interrogacão, um mysterio. Bem certo que se ao homem fosse dado, pela só virtude de suas energias, alcançar o infinito, não seria com a ideia que elle realisasse o prodigo, seria com o sentimento.

Divisão fundamental, distincção angular e marcada! Da absorção de uma cousa pela outra resultará apenas uma confusão de cousas heterogeneas. Sem excluirem-se, com independencia mutua, harmonia consentanea, dignidade propria, a Arte ea Scienza, cada qual visando seu alvo, saudar-se-hão como irmãs, mas nunca se fundirão como consortes, porque a segunda jamais conseguirá penetrar os arcanos da primeira.

U. D. O.